

# estante aberta



## ESCOLA SECUNDÁRIA JORGE PEIXINHO BIBLIOTECA E CENTRO DE RECURSOS INFORMAÇÃO MENSAL

Ano 1

N.º 3

Dezembro de 2009

### Uma perspectiva A BIBLIOTECA ESCOLAR



Nos tempos que correm, uma biblioteca, a biblioteca escolar, por exemplo, não tem apenas livros, mas outros recursos, nomeadamente digitais, que marcam a nossa época tecnológica. Mas ninguém, dos jovens que entram no 7.º ano aos docentes mais experientes, poderá imaginar que a biblioteca possa *não* ter livros!

Tal acontece porque, embora tenhamos diversificado as nossas fontes de informação e de entretenimento, o livro e a leitura continuam a ter um papel central na nossa formação como pessoas, cidadãos e profissionais.

Através dos livros aprendemos as primeiras letras, elaboramos palavras, frases e textos; aprendemos os números e treinamos o cálculo. Visitamos os lugares mais belos do mundo e viajamos ao passado e ao futuro. Descobrimos os valores que regem as modernas democracias e desenvolvemos a nossa filosofia de vida. Já nos aconteceu, a todos, lendo um livro, soltar uma gargalhada ou deixar escorrer as lágrimas. Estas experiências, proporcionadas pela leitura dos livros, são insubstituíveis para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e afectivas do ser humano; e elas estão na origem da nossa capacidade de compreender, de forma autónoma, crítica e criativa, o mundo que nos rodeia.

As lições dos livros não são susceptíveis de serem aproveitadas através de nenhuma outra experiência e por isso, a maioria de nós guarda os seus livros

mais marcantes de maneira tão íntima e dá-lhes um lugar tão insubstituível, como o que nos descreve o poeta Jorge Luis Borges. Os livros que lemos e as leituras que elegemos moldam a nossa memória e determinam, em grande medida, a nossa personalidade e os nossos projectos de futuro – às vezes a profissão, muitas vezes as viagens, quase sempre o que pensamos e pelo que lutamos.

Em 2003, foi publicado um livro, em França, cuja tradução portuguesa, dois anos depois, nomeou «Elogio da Transmissão». Trata-se de um diálogo entre George Steiner, reputado filósofo da actualidade e Cécile Ladjali, professora do ensino secundário numa escola pública francesa; tratava-se de levar a cabo um projecto ambicioso e considerado impossível pelos mais cépticos: que os alunos, jovens entre os catorze e os dezasseis anos, *lessem os clássicos, aprendessem com os clássicos e gostassem de ler os clássicos*. Entre outras obras, os alunos leram e trabalharam a tragédia de Sófocles, *Antígona*, peça teatral escrita em grego, no século V a.C.

Em linhas gerais a história conta-nos a saga de Antígona, que deseja enterrar seu irmão Polínic, morto num atentado contra a cidade de Tebas. Porém, o tirano da cidade, Creonte (uma espécie de 'ditador', na linguagem dos nossos dias), promulgou uma lei impedindo que os mortos que atentaram contra a cidade fossem enterrados. Ora, segundo as crenças de então (e as de hoje?) deixar o morto sem sepultura era uma ofensa gravíssima para a sua alma, pois que não lhe permitiria fazer a transição para o mundo dos mortos, e para a sua família, que se considerava, assim, amaldiçoada. Antígona, enfurecida, decide desobedecer à lei da sua cidade e enterra o irmão, desafiando a autoridade de Creonte.

te. Antígona é então capturada e levada ao tirano, que sentencia a sua morte. Apesar das súplicas de Hemon, filho de Creonte e noivo de Antígona, esta é levada para uma tumba, onde ficará até morrer. A morte de Antígona desencadeia uma tragédia alargada, que acabará por vitimar, também, Creonte, o tirano sem piedade.

Os jovens franceses (e nós, hoje, em Portugal) encontram alguma mensagem nesta e noutras histórias clássicas? Sim. Antígona fala-nos de muito do que nos preocupa hoje. Fala-nos da profundidade do amor: o amor de Antígona pelo seu irmão, o amor do seu noivo (que acabará por suicidar-se por não suportar a dor de sabê-la condenada à morte) e, por fim, do amor de Creonte pelo seu filho; fala-nos das leis a que estamos subordinados e a que devemos, como cidadãos, obediência: deveremos obedecer-lhes sempre e em termos absolutos, ou não, se as considerarmos injustas? Quais as consequências destes actos que, em terminologia moderna se designam de *desobediência civil*? O que é a *desobediência civil*?...

Eis pois, um caminho possível, em direcção aos grandes temas da sociedade actual e da cidadania consciente, que pode começar com a leitura de um livro escrito há dois mil e quinhentos anos!

Quantas destas aventuras encerra uma Biblioteca, por exemplo, a nossa Biblioteca Escolar!

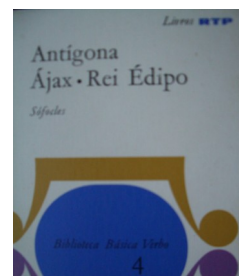
Maria Fernanda Fernandes  
Professora da ESJP

Os meus livros (que não sabem que existo)  
São uma parte de mim, como este rosto  
De ténporas e olhos já cinzentos  
Que em vão vou procurando nos espelhos  
E que percorro com a minha mão cônica.  
Não sem alguma lógica amargura  
Entendo que as palavras essenciais,  
As que me exprimem, estarão nessas folhas  
Que não sabem quem sou, não nas que escrevo.  
Mais vale assim. As vozes desses mortos  
Dir-me-ão para sempre.

Jorge Luis Borges, in *A Rosa Profunda*

#### Neste artigo:

- Os livros e as novas tecnologias nas bibliotecas actuais
- Visitação aos livros como fontes de saberes
- Os jovens e os clássicos livros ou os livros clássicos com os jovens de hoje
  - A BE como lugar de encontro com o Amor a Liberdade e a aventura de Ser Cidadão(o)



#### Nesta edição:

Feira do Livro do Outono  
Com  
uma oficina de escrita  
com a escritora Natália  
Augusto

**ESCOLA SECUND. JORGE PEIXINHO**

Av. José da Silva Leite  
2870-160 Montijo

Tel: 212 326 280

Fax: 212 326 282

Correio electrónico geral:  
geral@esjp.pt

**BE/CRE**

Correio electrónico:  
biblioteca.esjp@gmail.com

## FEIRA DO LIVRO DO OUTONO

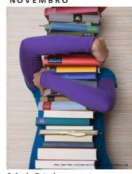
De 23 a 26 de Dezembro, na sala de estudo, decorreu a Feira do Livro do Outono, organizada pela Biblioteca.



2

OUTONO  
FEIRA DO LIVRO

NOVEMBRO



Sala de Estudo  
Verão da Biblioteca Dias 23 a 26



### LEGENDA DE CADA IMAGEM

1. Alunos consultando livros da feira.
2. Um dos cartazes publicitários.
3. Trabalhos da montagem do certame pela equipa da BE.



Há poucos dias terminou a Feira do Livro do Outono. Sem significar que haja uma feira do livro na Primavera ou no Verão, o Outono pode ser a metáfora da época em que a Natureza pode suscitar o recato em casa ou na biblioteca da escola para um encontro com o livro e uma leitura mais intimista, preparando o espírito para o renascimento.

A pretexto desta feira, a professora Fátima Nazário organizou, com o apoio da BE, uma oficina de escrita recreativa animada pela escritora Natália Augusto, autora de *André no Reino das Palavras Falantes: Os Caçadores de Gramatífagos*. Durante a oficina, alunos da turma A do 7.º ano, (re)criaram histórias sugeridas pelas imagens de personagens daquela narrativa ficcional que Fernanda Azevedo ilustrou.

Cerca de 380 alunas e alunos visitaram a feira, quer integrados nas 19 turmas, quer individualmente, durante as manhãs, tardes e noites.

Esta Feira do Livro pretendeu ser uma oportunidade para alunas e alunos confraternizarem com livros de diversos temas, diversas ideias e finalidades. Terá sido também o tempo em que alunas e alunos trocaram impressões entre si mesmos ou com as suas professoras e professores a propósito deste ou daquele pedaço de texto ou de imagem de um qualquer livro. Logo, as feiras do livro escolares servem, sobretudo, para interagir com os livros e com os outros, mais do que para venda de livros.

Na actualidade, é «difícil imaginar o que significaria viver numa cultura anterior ao advento do livro impresso, ou antes de qualquer pessoa poder andar com uma esferográfica e um papel para tomar notas»<sup>(1)</sup>. Quase o mesmo se poderia dizer acerca da Internet que permite, eventualmente, «a faceta mais interessante de um projecto telecolaborativo [por ser] ao mesmo tempo, trabalho cooperativo e colaborativo»<sup>(2)</sup>, não fossem os medos que algumas pessoas têm sobre este tecnológico e rápido meio de acesso à informação.

<sup>(1)</sup> Joshua Foer, *A memória*. Em National Geographic, Outubro de 2008, Vol. 8, n.º 91. [Edição Portuguesa.], p. 17.

<sup>(2)</sup> José Moura Carvalho, *O fim das telescolas: telecolaborações e outras subversões* (3). Em Noesis, Outubro de 2001, n.º 60.

Nota: As citações são de obras pertencentes ao fundo documental da BE.